

Bloco de Notas

As duas vias sauditas



No último número da *Foreign Affairs*, Michael Scott Doran faz um retrato da Arábia Saudita, um dos países do Médio Oriente cuja evolução política é neste momento mais preocupante para os EUA. Doran explica que a vida política saudita está dividida em dois grupos principais: os que seguem o princípio de "tawhid", que têm uma leitura ultra rígida do Islão, são anti-americanos e fortemente anti-xiitas, e estão ligados ao ministro do Interior, príncipe Nayef; e os partidários do "taqarub", que defendem a aproximação entre muçulmanos e não-muçulmanos, e estão ligados ao príncipe herdeiro Abdullah, que actualmente governa o reino devido aos problemas de saúde do rei Fahd. Entre estas duas facções existe uma luta renhida, que se tem vindo a agravar devido à ligação entre os defensores do "tawhid" e a al-Qaida, responsável pelos violentos atentados que aconteceram recentemente no reino. Uma das questões que, segundo Doran, se está a tornar central neste brago-de-ferro são os xiitas. "Os islamistas sumitas radicais odeiam os xiitas mais do que qualquer outro grupo, incluindo os judeus e os cristãos", escreve o autor do texto. E a grande tese daqueles neste momento é a de que existe uma aliança entre os xiitas e os EUA para destruir o Islão. 

As alianças do presidente Putin

O site do *Asia Times Online* identifica como um "triângulo emergente" no mundo a aliança Rússia-Cazaquistão-China. A cooperação energética está na base deste triângulo, mas as relações vão muito para além disso, incluindo já relações económicas fortes e cooperação na luta contra o terrorismo. O texto, assinado por Robert M. Cutler, da Universidade de Carleton, no Canadá, refere que "as dinâmicas deste triângulo emergente parecem conformes à visão geopolítica de Putin". O presidente russo terá explicado a um companheiro de mesa durante um jantar em Bruxelas que a Rússia e a China formavam um grupo, ao mesmo tempo que colocou os europeus juntamente com os seus "primos americanos". No mesmo jantar, Putin terá também falado da arabização demográfica da Europa, comparando-a com a africanização e posterior latino-americanação dos EUA. 

Alexandra Prado Coelho

Assad e os turcos

A histórica visita que o presidente sírio, Bashar al-Assad, fez recentemente à Turquia é analisada por Zvi Bar-el num artigo no jornal israelita *Ha'aretz*. Citando fontes libanesas, o artigo refere que foi o actual líder sírio que, quando o pai ainda era vivo, o convenceu da necessidade de ter boas relações com Ancara, opondo-se assim à política defendida pelo vice-presidente. Hoje Bashar tem sob a sua responsabilidade directa três dos mais importantes dossiers diplomáticos de Damasco, o que inclui precisamente o turco, para além do iraquiano e do libanês. O artigo sublinha que a Turquia se tornou um "objectivo diplomático estratégico para a Síria, sobretudo depois da guerra no Iraque", o que explica a importância que Assad atribuiu à sua visita àquele país. Também Ancara, por seu lado, está a



"começar a formular uma nova política" que, segundo uma fonte turca, "é desenvolvida em coordenação com a administração norte-americana". Para isso, os dois lados concordaram em não tocar, para já, em dois assuntos potencialmente explosivos, o estatuto da região de Iskandaron e a questão da água. 

Indonésios desiludidos com a política

Os indonésios estão profundamente desiludidos com a vida política do seu país, de acordo com um relatório do International Crisis Group. A situação é preocupante dado que em 2004 a Indonésia vai ter pelo menos duas grandes eleições – legislativas em Abril e, a 5 de Julho, as primeiras eleições presidenciais directas da sua história. "A desilusão pública com o desempenho do governo democrático desde as primeiras eleições pós-autoritarismo, em 1999, está a alastrar rapidamente", alerta o relatório. O nível de descontentamento com a chamada "política do dinheiro" é tal que uma sondagem considerada credível revela que 58 por cento dos inquiridos pensam que as condições eram melhores sob o regime de Suharto. O ICG analisou os possíveis cenários eleitorais e concluiu que "seja qual for o resultado das presidenciais, o próximo Governo será baseado numa coligação de partidos rivais [os dois principais do país, ou seja, o PDI-P da actual Presidente Megawati, e o Golkar, o partido do Governo de Suharto]. Na ausência de um líder forte capaz de impor coesão num governo deste tipo, o seu desempenho será prejudicado por muitos dos problemas que marcaram os três anteriores". 

